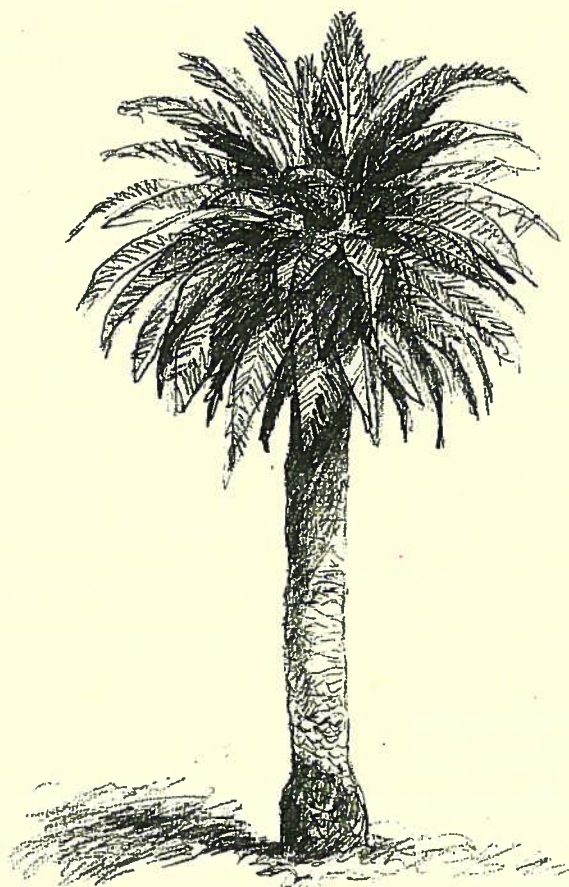


CADERNOS DE
FILOSOFIA
EXTRAVAGANTE



Florescências

6

7
SERRA D'OSSA

© 2017, *Serra d'Ossa Edições*

Título: *Florescências*

Colecção: *Cadernos de Filosofia Extravagante*

Coordenação: Luís Paixão e Roque Oliveira

Desenho da capa: Carlos Aurélio

Ilustrações: Carlos Aurélio

Fotografias: Tiago Sobral Cunha

Edição: *Serra d'Ossa Edições*

Vila Viçosa

www.serra-dossa.blogspot.com

www.filosofia-extravagante.blogspot.com

1.^a edição: Junho de 2017

ISBN: 978-989-95762-8-5

Dep. legal: 432321/17

Impressão e acabamento: *Papelmunde*

Índice

APRESENTAÇÃO, <i>Elísio Gala</i>	5
CONCEITO E PRECONCEITO, <i>Álvaro Ribeiro</i>	7
DE UM CADERNO DE APONTAMENTOS, <i>António Telmo</i>	9
 <i>Florescências</i>	
SOBRE O FUTURO - CARTA VII, <i>Agostinho da Silva</i>	13
NOTAS À MARGEM DE UM DIÁLOGO, <i>Joaquim Domingues</i>	14
EXEMPLO, <i>Avelino de Sousa</i>	17
UMA VIAGEM COM SENTIMENTO EM TELMO, <i>José P. Ribeiro de Albuquerque</i>	18
ADÁGIOS, <i>Maurícia Teles da Silva</i>	23
A JUSTA, <i>Luís Paixão</i>	24
SENHORA DA NOITE, (EXCERTO), <i>Teixeira de Pascoaes</i>	41
QUOS JUPITER VULT PERDERE PRIUS DEMENTAT, <i>António Telmo</i>	42
ANTEFACE DO CROCODILO, <i>Rodrigo Sobral Cunha</i>	43
 <i>Pinharanda Gomes</i>	
PINHARANDA GOMES: O TESTEMUNHO REVISTO DE UM (SEU) LEITOR, <i>Pedro Sinde</i>	59
PARA O PINHARANDA, <i>Renato Epifânio</i>	62
PINHARANDA GOMES E A FILOSOFIA PORTUGUESA - PENSAR PORTUGAL PARA DEUS, <i>Carlos Aurélio</i>	63
PINHARANDA GOMES, <i>Entrevistado por José Eduardo Franco, Miguel Real e Renato Epifânio</i> .	70
 <i>Outros estudos e testemunhos</i>	
O BISPO DA CASA, <i>Joaquim Domingues</i>	85
DUAS FIGURAS REAIS PORTUGUESAS NO IMAGINÁRIO DE MÁRIO CESARINY, <i>António Cândido Franco</i>	88

Duas figuras reais portuguesas no imaginário de Mário Cesariny

António Cândido Franco

A Dom Sebastião, o décimo sétimo rei de Portugal, dedicou Mário Cesariny uma pintura velada, que vale um símbolo de grande efeito, e que é uma das derradeiras obras que montou. Numa carta que me escreveu, em 1997, diz o seguinte: *D. Sebastião. Um monstro, diz o idiota do Aquilino Ribeiro. Ou talvez sim, mas um monstro sagrado. O monstro que detestava os saraus latinos na corte e ia para o pé dos Touros e dos cavalos.* É bem de ver que Cesariny frequentava, e com regular assiduidade e prontidão, a corte do Encoberto. Que lhe podia interessar neste reizinho, a quem Sérgio insultou, com o pedaço de asno?

Vamos devagar. Cesariny foi tradutor do Artaud que em 1934 escreveu uma biografia dum imperador romano, Heliogabalo (218 a 222). Falo do livro *Heliogabale*, ou *l'Anarchiste couronné*, que Cesariny verteu para *Heliogabalo* ou o *Anarquista Coroado* (Assírio & Alvim, 1991). Sextus Avitus Bassanius, dito Heliogabalo, à letra o Sol da Montanha, foi saudado imperador pelos soldados aos 14 anos e morreu assassinado 4 anos depois, aos dezassete anos, quase imberbe. O seu reinado é em geral tido como simples questão de patologia criminal, ou de criminologia pura, para poder merecer sequer a atenção, através duma palavra que seja, da História com letra grande. De proveniência Síria, Heliogabalo, era descendente duma princesa Síria, Júlia Moesa, filha do sumo sacerdote do Sol, em Emesa, que trouxe para Roma um novo princípio religioso – Artaud diz um jorro de esperma. Antes de ser saudado como imperador, era já sacerdote, e hereditário, do deus de Emeso, Ilaha Gabal, o Baal da Montanha, cargo em que persistiu no momento em que assumiu o império. O seu nome, o Sol da Montanha, Heliogabalo, vem-lhe da dignidade sacerdotal. A sua identificação com o deus foi sempre total e foi assim, como deus Baal, aos 14 anos, que viveu o império. No fabulário ugarítico de Ras Shamra, Baal é uma espécie

de Osíris que morre e renasce, a vida mesma que se retrai e ressuscita, Dionísio em Eleusis a entrar e a sair da escuridão da terra. Foi por certo o carácter iniciático que aqui está presente – morte e ressurreição vital do deus – que interessou Artaud e o levou a biografar esta vida nunca entendida, pelo menos desde que se esqueceu a obra que Filóstrato escreveu, a pedido de Júlia Domna, tia de Heliogabalo, *Vida de Apolónio de Tiana*, a que Artaud chama de “repositório de maravilhas”. Dir-se-á porém que é este mesmo sangue, esta mesma carne ébria de mundo, que Cristo atira à História. E disso mesmo, a seu modo, se ocupa Artaud no livro. Por exemplo (p. 59): *O dogma cristão está contido no Credo, acredito, mas do Credo à minha consciência individual há um mundo de interpretações, de bibliotecas de santos, de heresias e de concílios. E só o inferno não muda. Dito doutro modo: Cristo é Senhor – e Baal quer dizer em cananeu senhor – mas o cristianismo é nada. O que muda dum para o outro, pergunta o leitor? Desaparece a iniciação, vivida e experimentada, como desde o neolítico, ou mesmo do Neandertal, se conhecia, uma festa de chaves iniciáticas, uma montanha de sinais, para em seu lugar surgir a fé, o dogma, a verdade irrepreensível, a letra (sem espírito), o auto-de-fé, essa interminável biblioteca de indicações, preceitos, direcções, interditos, correcções, regras, exclusões, extorsões, com algum, pouco, raro até, arrependimento à mistura.*

A resposta à pergunta que atrás deixei só pode pois ser assim: o que interessou Cesariny no rei português foi o que no sírio romano cativou Artaud, nada mais, mas também não menos. Nasceu órfão e disforme; viveu anormal e em insubordinação permanente contra as figuras da ordem adulta; morreu jovem e sem medo, coberto de sangue e de moscas, ao sol escaldante do Verão. E ressuscitou depois da morte no Encoberto, de quem todos se puseram à espera. Foi a maravilha fatal da